



Autoridade

e

Submissão

Uma visão bíblica sobre o assunto.

Paulo Raposo Correia

Julho de 2019

Rio de Janeiro – RJ

Autoridade e Submissão

PAULO RAPOSO CORREIA

BLOG

PARE! LEIA! REFLITA! PRATIQUE!

www.pauloraposocorreia.com.br

E-Book

Autoridade e Submissão
por Paulo Raposo Correia
© 2019 Paulo Raposo Correia

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução por qualquer meio ou forma,
sem a permissão expressa do autor.

Capa:
Paulo Raposo Correia

Revisão e Editoração Eletrônica:
Paulo Raposo Correia

Dados para Catalogação

Correia, Paulo Raposo
Autoridade e Submissão / Paulo Raposo Correia – Rio de Janeiro – RJ –
Brasil, 2019

ISBN 978-65-00-19598-9

1. Bíblia. 2. Doutrinas Bíblicas . 3. Título.

Autoridade e Submissão

Esta publicação é resultado de uma breve pesquisa de informações sobre este assunto, bem como é a exposição do meu próprio entendimento, tudo isso para sua reflexão e aproveitamento. Sempre que necessário o texto será atualizado e a data da revisão mencionada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. REFLETINDO SOBRE AUTORIDADE	5
1.1. DIFERENÇA ENTRE AUTORIDADE E PODER.....	5
1.2. TIPOS DE AUTORIDADE (MACROVISÃO).....	6
1.3. QUAL A RAZÃO DE EXISTIR AUTORIDADE?	6
1.4. A ORIGEM DA AUTORIDADE.....	7
1.5. PRIMEIROS INDÍCIOS E PRINCÍPIOS DE AUTORIDADE.....	8
1.6. A QUEDA DO HOMEM AFETOU OS PRINCÍPIOS DE AUTORIDADE?	10
1.7. FORMAS DE SE EXERCER AUTORIDADE.....	10
1.8. A INSTITUIÇÃO DAS AUTORIDADES.....	11
1.9. ÁREAS DE EXERCÍCIO DA AUTORIDADE.....	13
1.10. O SIGNIFICADO DA OPOSIÇÃO À AUTORIDADE.....	15
1.11. O RESULTADO DA OPOSIÇÃO À AUTORIDADE	15
1.12. A RELAÇÃO COM AS AUTORIDADES	16
1.13. O PAGAMENTO ÀS AUTORIDADES	17
2. A RELEVÂNCIA DA SUBMISSÃO	18
2.1 A ETIMOLOGIA DA PALAVRA “SUBMISSÃO”.....	18
2.2 A AMPLITUDE DO TERMO	19
2.3 AS RECOMENDAÇÕES BÍBLICAS PARA OS CÔNJUGES.....	26
2.4 A SUBMISSÃO DA ESPOSA AO MARIDO.....	28
2.5 DEVER DE SUJEIÇÃO ÀS AUTORIDADES.....	35
2.6 DEVER DE SUJEIÇÃO AOS SENHORES E PATRÕES.....	38
3. CONCLUSÃO.....	40
4. BIBLIOGRAFIA.....	41

INTRODUÇÃO

Este tema duplo, porém, intrinsecamente ligado, é o tipo de assunto que afeta a todas as pessoas diretamente. Um assunto sempre atual e um tanto polêmico, muitas vezes mal-entendido. Daí a importância de tratá-lo e promover os devidos esclarecimentos.

Este estudo, como os demais que temos abordado em outras publicações semelhantes, não se baseia em elucubrações filosóficas ou teóricas, mas busca extrair da fonte de instrução divina, a Bíblia, o ensinamento revelado pelo nosso Soberano Criador.

É importante começar tratando o tema da autoridade, sua distinção em relação ao poder, seus tipos, sua origem e forma de ser exercida, bem como sua razão de existir. Na sequência, o tema submissão é abordado considerando várias áreas, nos levando a perceber o quanto este nos acompanha nas relações cotidianas e o quanto é negligenciado.

Por fim, é oportuno e relevante registrar desde já a importância do leitor se dispor a refletir livremente sobre os ensinamentos que emanam da Palavra de Deus, que não pode ser distorcida para atender a modismos e pressões de uma sociedade imersa no obscurantismo religioso e espiritual.

1. REFLETINDO SOBRE AUTORIDADE

1.1. Diferença entre Autoridade e Poder.

Poder: *“É a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer.”*

Autoridade: *“É a habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal.”*

Esses são os conceitos expressos por James C. Hunter em seu livro “O monge e o executivo”. Naturalmente que tais conceitos não esgotam o significado dos termos, mas propõem uma distinção bastante interessante entre eles.

1.2. Tipos de autoridade (macrovisão)

a) Informal (natural ou sobrenatural).

Desde as mais remotas épocas os indivíduos, vivendo em suas comunidades, assumem ali a autoridade sobre parte ou toda a comunidade de forma informal, ora por sua habilidade natural de influenciar e conduzir os demais, ora por receberem um chamado e capacitação divinos para fazê-lo.

b) Formal (legal ou Institucional).

Nas sociedades ou instituições, ainda que minimamente organizadas, certos indivíduos assumem determinados papéis que lhes conferem autoridade sobre os demais, a partir de regras ou leis ali estabelecidas.

1.3. Qual a razão de existir autoridade?

A autoridade existe para estabelecer ou expressar princípios de hierarquia nas relações humanas, no âmbito social ou institucional/organizacional de modo a promover a ordem e alcançar resultados que possibilitem a sustentabilidade da vida humana.

Quando não existe autoridade estabelece-se o estado de anarquia, do grego *αναρχία* — an (não, sem) e archê (governador).

1.4. A origem da autoridade.

“... porque não há autoridade que não proceda de Deus;” (Rm 13.1b)

Neste versículo o apóstolo Paulo deixa claro que não há autoridade que não proceda de Deus, isto é, que não seja estabelecida pela vontade ativa ou permissiva de Deus. Deus é soberano e está no governo e controle do universo e da história humana. Isso implica em:

1º) Os que exercem autoridade o fazem por delegação de Deus. Quer reconheçam ou não são “representantes” de Deus aqui na terra. É o que Daniel disse a Nabucodonosor: *“esta é a interpretação, ó rei, e este é o decreto do Altíssimo, que virá contra o rei, meu senhor: serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo, e dar-te-ão a comer ervas como aos bois, e serás molhado do orvalho do céu; e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer.”* (Dn 4.24-25)

2º) Se assim é, o resultado das urnas ou a tomada do poder pela força não é simplesmente o resultado de articulações políticas, de campanhas eleitorais eficientes ou de esquemas e estratégias humanas. Há que se considerar a vontade soberana de Deus, ativa ou permissiva.

3º) A maneira como exercem seu governo não é da responsabilidade de Deus. Ainda que possam estar cumprindo um propósito, aqueles que fazem um mau governo prestarão contas a Deus, por isso. Aquelas nações que exerceram juízo sobre Israel,

também foram condenadas e punidas pelos seus pecados. (Is 10.12-19).

1.5. Primeiros indícios e princípios de autoridade.

Quando Adão manteve os primeiros contatos com o Deus Criador, percebeu logo tratar-se de um ser superior a ele, com maior poder, portanto, com autoridade sobre ele. Quando Deus lhe deu ordens (Gn 2.15-17), Adão não questionou, tratou de sujeitar-se, em princípio. Não demorou muito e veio o primeiro teste. Eva, aparentemente sozinha, se encontra com uma criatura desconhecida e bela, que certamente não demonstrava ter o mesmo poder de Deus. Satanás, através da serpente, faz Eva se abrir e revelar o seu entendimento sobre a ordem de Deus e o seu temor. Em seguida, lhe oferece a oportunidade de uma transformação que a colocaria no mesmo nível de Deus, pelo menos em termos de conhecimento e entendimento. Está na essência do ser humano, homem ou mulher, esse desejo de ser maior, de mandar e dominar. Uma criança, desde a tenra idade, já tenta dominar seus pais, as outras crianças, os brinquedos e animais de estimação. Eva não resistiu à tentação porque em vez de se fixar na palavra de Deus, deixou-se envolver emocionalmente pela aparência do fruto e seus supostos poderes. O apóstolo Paulo afirma: *"E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão."* (1Tm 2.14). A mulher foi iludida, enganada, ludibriada e transgrediu a ordem de Deus. Ela mesma confessou isso quando interpelada por Deus (Gn 3.13). Já Adão não foi enganado; ele comeu do fruto proibido conscientemente e pecou de olhos abertos. Ele sabia muito bem que fruto era aquele. Na sua resposta a Deus ele não tenta se defender alegando que desconhecia aquele fruto. E, se sabia, por que o comeu? Em nenhum lugar da Bíblia é dito que Eva o seduziu usando a mesma argumentação da serpente. Se assim fora, ele teria sido enganado. Dentre as possíveis tentativas

de explicar o que o levou a comer do fruto podemos citar: a) Eva já havia comido quando lhe ofereceu e ele agiu racionalmente. Vendo que nada havia acontecido com ela, resolveu também comer. A narrativa deixa claro que somente quando os dois comeram é que se lhes abriram os olhos da consciência (Gn 3.7). b) Adão foi persuadido, mas não enganado, e cedeu aos sentimentos de amor e afeição conjugais. Isso não quer dizer que Eva usou alguma estratégia sedutora para induzi-lo a comer. É interessante como acontecem as coisas entre homem e mulher. Deus deu autoridade ao homem sobre a mulher, mas a mulher parece ter certo poder de influenciá-lo, de seduzi-lo a fazer o que ela quer.

De tudo isso, tiramos algumas lições:

1ª) Eva pecou porque, mesmo sabendo da sua condição de auxiliadora de Adão, mulher dele, carne da sua carne, que lhe devia submissão, que estava debaixo da sua autoridade, agiu de forma individual, por conta própria, sem consultar o marido e muito menos a Deus que já havia dado sua palavra que incluía as consequências da desobediência.

2ª) O pecado tem uma dinâmica própria. Ela não temeu e comeu do fruto. Percebendo que, mesmo comendo não havia morrido, a palavra da serpente ganhou força tal a ponto de pensar que Deus estava enganado ou realmente mentindo sobre o que havia dito. Esse seu entendimento equivocado fortaleceu também sua motivação e coragem para apresentar o fruto para o marido, exaltando seu ato corajoso de enfrentar a palavra que Deus havia dado e se submetendo a uma nova palavra (hoje, isso é chamado de: a nossa visão; a nossa doutrina etc.). O resultado dela não ter morrido fisicamente, conforme temia, era a prova da sua vitória. Mesmo não morrendo fisicamente, de imediato, de fato ela morreu espiritualmente.

3ª) Adão parece ter se sentido encorajado a se tornar sua cúmplice. Afinal, ela continuou viva. Se tantos estão adotando esse ou aquele procedimento, por que nós também não podemos fazer o mesmo? Por que não comer também desse fruto? Há crentes e igrejas se aventurando e se submetendo a novas e enganosas interpretações da Palavra de Deus em nome da modernidade e da evolução da fé e da igreja. Por um momento acham que nada aconteceu. Mas de fato a morte espiritual se instalou sem se darem conta disso. Felizmente ainda há aqueles que continuam submissos em amor ao Senhor da Igreja, à sua Palavra imutável, que não se submeteram aos enganos e ludíbrios de um Evangelho fácil, que anda de mãos dadas com o mundo.

1.6. A queda do homem afetou os princípios de autoridade?

A queda transtornou a humanidade. O homem foi expulso do Éden. A terra amaldiçoada. A autoridade do homem sobre a mulher foi ratificada (Gn 3.16b). Deus passa a não interagir diretamente com todos da raça caída. O homem fica por sua própria conta e sorte. Desde então este vem tentando se organizar e sobreviver em sociedade. Em Cristo, o novo Adão, e na igreja, os crentes procuram se refugiar e se amparar para não sucumbir às pressões e descaminhos de sociedades distantes de Deus, ainda que debaixo do cetro da sua vontade e governo.

1.7. Formas de se exercer autoridade.

- a) Coercitiva: pela ameaça à integridade física, sanções físicas.
- b) Remunerativa: pela retribuição financeira ou de recursos materiais ou alimentícios.
- c) Intelectiva: pela capacidade de convencer através da razão.

d) Carismática: pela capacidade de influenciar através da simpatia, persuasão e dons excepcionais.

O sociólogo alemão Max Weber integrou o estudo das organizações ao desenvolvimento histórico-social. Segundo ele, cada época social caracterizou-se por um determinado sistema político e por uma elite que, para manter o poder e a legitimidade, desenvolveu um determinado aparelho administrativo para servir de suporte à sua autoridade.

Weber identificou três tipos de autoridade¹:

Racional-legal: em que a aceitação da autoridade se baseia na crença, na legalidade das leis e regulamentos. Esta autoridade pressupõe um tipo de dominação legal que vai buscar a sua legitimidade no caráter prescritivo e normativo da lei.

Tradicional: também chamada de feudal, ou patrimonial, em que a aceitação da autoridade se baseia na crença de que o que explica a legitimidade é a tradição e os costumes. Em suma, os subordinados aceitam como legítimas as ordens superiores que emanam dos costumes e hábitos tradicionais ou de fatos históricos imemoriais.

Carismática: em que a aceitação advém da lealdade e confiança nas qualidades normais de quem governa. Em presença de um líder ou chefe que personifique um carisma invulgar ou excepcional, qualquer subordinado aceitará a legitimidade da sua autoridade.

1.8. A instituição das autoridades.

“... e as autoridades que existem foram por ele instituídas.” (Rm 13.1c)

¹ Wikipédia

O que Paulo está dizendo é que toda autoridade é instituída por Deus. Também podemos estabelecer o seguinte princípio:

a) A autoridade só pode ser conferida por quem tem mais autoridade.

Como já foi visto anteriormente, toda autoridade emana de Deus e ele a concede a quem quer:

“A este Moisés, a quem negaram reconhecer, dizendo. Quem te constituiu autoridade e juiz? A este enviou Deus como chefe e libertador, com a assistência do anjo que lhe apareceu na sarça.” (At 7.35)

“Dissolve a autoridade dos reis, e uma corda lhes cinge os lombos.” (Jó 12.18)

“Quem lhe entregou o governo da terra? Quem lhe confiou o universo?” (Jó 34.13)

“Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.” (Mt 9.8)

“Então, Pilatos o advertiu. Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar? Respondeu Jesus. Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.” (Jo 19.10-11)

As autoridades instituídas por Deus também conferem autoridade a outros. Entretanto, nada disso sem a permissão de Deus:

“Disse mais Faraó a José. Vês que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito.” (Gn 41.41)

“Então, mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura, e lhe pusessem cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem que passaria a ser o terceiro no governo do seu reino.” (Dn 5.29)

“Põe sobre ele da tua autoridade, para que lhe obedeça toda a congregação dos filhos de Israel.” (Nm 27.20)

“Então, a rainha Ester, filha de Abiail, e o judeu Mordecai escreveram, com toda a autoridade, segunda vez, para confirmar a carta de Purim.” (Et 9.29)

“É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie.” (Mc 13.34)

1.9. Áreas de exercício da autoridade.

Podemos identificar na história humana os seguintes desdobramentos ou manifestações dessa autoridade que emana de Deus.

1º) Poder de Gênero – Autoridade de homem.

“E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio.” (1Tm 2.12)

“Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade.” (1Co 11.10)

2º) Poder Familiar – Hierarquia de poder na família.

Marido x Esposa:

“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça

da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.” (Ef 5.22-24)

Pais x Filhos:

“Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo.” (Ef 6.1)

3º) Poder Empresarial – Empregador sobre empregados.

“Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre.” (Ef 6.5-8)

4º) Poder Eclesiástico – Oficial sobre a igreja.

“Porque, se eu me gloriar um pouco mais a respeito da nossa autoridade, a qual o Senhor nos conferiu para edificação e não para destruição vossa, não me envergonharei,” (2Co 10.8)

“Portanto, escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação e não para destruir.” (2Co 13.10)

“Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze.” (Tt 2.15)

5º) Poder Governamental – Governantes sobre o povo.

“Então, Jesus, chamando-os, disse. Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles.” (Mt 20.25)

“Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes. Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade.” (Mc 10.42)

“Mas Jesus lhes disse. Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores.” (Lc 22.25)

1.10. O significado da oposição à autoridade.

“De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus;” (Rm 13.2a)

Aquele que conhece a procedência da autoridade e quem a institui não terá dificuldade para entender o significado de se opor a ela: resistir à ordenação do próprio Deus. Não há espaço para se condicionar nossa submissão ou oposição em razão da forma de governo ou a qualidade desse governo. O ensino bíblico nos ensina a sujeição e não a oposição. Não é missão da igreja de Cristo participar de qualquer iniciativa ou movimento para a derrubada de governos. Se a autoridade é instituída por Deus, a ele também cabe destituí-la quando e da forma que bem lhe aprouver. Naturalmente que ele é soberano para usar qualquer pessoa, não cristã ou cristã, para mudar as circunstâncias, como usou Moisés. De qualquer forma, a anarquia não procede de Deus.

1.11. O resultado da oposição à autoridade

“... e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação.” (Rm 13.2b)

Aquele que resolver desconsiderar a instrução divina e se associar a tantos que têm o costume de se opor a autoridade colherá, juntamente com os outros, a devida condenação.

1.12. A relação com as autoridades

“Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela,” (Rm 13.3)

O apóstolo começa o versículo 3 com a citação de “magistrados”, que são funcionários públicos revestidos de autoridade judicial ou administrativa. O uso do plural parece ter tido a intenção de que a afirmação fosse tomada em termos gerais, pois, certamente há e sempre haverá exceções. Algumas autoridades têm ao seu dispor todo um aparato armado, tais como, polícia, exército etc. Em linhas gerais, esses contingentes existem para a manutenção da ordem e da lei. Em princípio, quem cumpre as leis não precisa ficar com medo e sim quem quiser andar fora da lei.

“visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal.” (Rm 13.4)

A autoridade é aqui elevada a um nível superior, ao status de ministro ou agente de Deus para trazer proteção aos bons cidadãos. Entretanto, parece ter o respaldo do seu agenciador supremo para a aplicação da espada, isto é, do castigo e da punição que é devida aos transgressores das leis civis.

“É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também por dever de consciência.” (Rm 13.5)

O apóstolo volta a insistir no tema da sujeição, já apresentado anteriormente como um dever de todos, enfatizando agora tratar-se de uma necessidade e de um dever que ultrapassa o aspecto da cidadania. Trata-se, sobretudo, de um dever de consciência. Há muitos que só obedecem a regras com medo da punição. O cristão deve ser diferente. Sua conduta deve ser consequência de uma consciência restaurada por Deus e apta para discernir o certo do errado e sempre optar pelo que é orientado pela Palavra de Deus. É em Deus que ele buscará forças, a cada dia, para se conduzir desta forma.

1.13. O pagamento às autoridades

“Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço.” (Rm 13.6)

Se você entender que as autoridades instituídas são ministros ou agentes de Deus, a serviço do povo, então vai perceber também a razão do pagamento dos tributos ou impostos. Na antiguidade o tributo era exigido pelos povos vencedores aos povos derrotados e dominados (Mt 17.25-26). É através deles que o povo financia o Estado. Sem recursos o Estado não se sustenta. Sem Estado não há governo. Sem governo estabelece-se a anarquia, que não é bom para ninguém. Mais uma vez a questão é tratada como algo que é feito por dever ou obrigação. Esse dever também é incondicional. Não depende do fato do tributo ser justo ou injusto, adequado ou exagerado. Não depende do nível de serviço que a autoridade ou governo vai devolver para os contribuintes. As nações têm o direito de taxar os seus

cidadãos e estes têm o dever de pagar seus impostos. É claro que, num estado democrático de direito, os cidadãos conscientes irão cobrar sempre, impostos justos e aplicação adequada do erário. Os inimigos tentaram fazer Jesus tropeçar numa questão tão sensível aos governantes, mas não conseguiram: *“Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.”* (Mt 22.17,21)

“Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra.” (Rm 13.7)

Finalmente, o apóstolo conclui com um conceito fácil de citar, mas difícil de praticar: o que é devido deve ser pago.

2. A RELEVÂNCIA DA SUBMISSÃO

2.1 A etimologia da palavra “submissão”

O assunto submissão é abordado por Pedro em três diferentes áreas da vivência relacional humana: governamental, trabalhista e familiar. Nos três casos o verbo “sujeitar” (υποταγητε) (*upotagete*) (1Pe 2.13), o substantivo masculino “submisso” (υποτασσομενοι) (*upotassomenoi*) (1Pe 2.18) e o substantivo feminino “submissa” (υποτασσομεναι)(*upotassomenai*) (1Pe 3.1) são derivados do mesmo infinitivo (υποτασσω)(*upotassou*): sujeitar ou submeter.

De acordo com o The Analytical Greek Lexicon Revised (Harold K. Moulton):

(υποτασσω)(*upotassou*): colocar sob, subordinar (1Co 15.27; 14.32); trazer sob influência (Rm 8.20); submeter-se a si mesmo, prestar obediência, ser submisso (Lc 2.51; 10.17); subordinação.

(υποταγη) (*upotague*): a) subordinação (1Tm 3.4); submissas (2Co 9.13; Gl 2.5; 1Tm 2.11).

No dicionário da língua portuguesa MICHAELIS, submissão é:

- 1 Ato ou efeito de submeter ou submeter-se.
- 2 Disposição a obedecer ou aceitar o controle de alguém; obediência, subalternidade.
- 3 Condição de quem se sente obrigado a obedecer a uma regra, autoridade ou aos poderes constituídos; subordinação, sujeição.
- 4 PEJORATIVO: Condição de quem se submete a outrem de modo servil; subserviência.

ANTÔNIMO: altivez, arrogância, desobediência, insubordinação, rebeldia.

2.2 A amplitude do termo

Equivocadamente, quando se ouve a palavra submissão no âmbito da igreja logo se faz a conexão e aplicação da submissão da esposa ao marido. É preciso corrigir essa visão míope e limitada do termo. A não observância da submissão ou sua negação, denominada de altivez, arrogância, desobediência, insubordinação ou rebeldia transcende o tempo da vida terrestre. Antes que esse mundo terrestre existisse, a bíblia se refere ao anjo de luz Lúcifer que se levantou contra a majestade de Deus e foi lançado para fora da sua presença imediata (Is 14.12-15 e Ez 28.12b-15).

Toda a autoridade procede de Deus e os que a exercem o fazem por delegação do altíssimo, quer por sua vontade ativa ou permissiva (Dn 4.24-25). Quer reconheçam ou não são “agentes” de Deus aqui na terra. Assim, nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram submetidos ao teste da submissão e, enganados pela serpente Satanás, fracassaram e, também foram destituídos da comunhão com Deus. Portanto, o primeiro e grande desafio do ser humano é submeter-se, sujeitar-se a Deus (At 5.29; Rm 14.18).

Entretanto, a amplitude da aplicação da submissão é muito maior do que o ser humano comum imagina e pratica, senão vejamos:

a) Na relação com o mundo espiritual

- ⇒ Jesus, mesmo tendo a natureza divina, sujeitou-se a Deus-Pai durante a sua encarnação, nos dando o exemplo (Fp 2.5-11).
- ⇒ Somos ensinados bíblicamente a nos sujeitar a Deus e a resistir ao diabo (Tg 4.7). Tanto no mundo espiritual como no terreno, Deus exerce toda a autoridade e poder.
- ⇒ Deus sujeitou todas as coisas a Jesus: *“E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja,”* (Ef 1.22). Os demônios se submeteram aos 70 enviados, por causa do nome de Jesus (Lc 10.17). Jesus, um pouco antes da sua ascensão, declarou aos discípulos: *“...Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”* (Mt 28.18). Assim, os anjos caídos estão debaixo da sua autoridade. Essa autoridade foi delegada aos seus verdadeiros seguidores, regenerados e habitados pelo seu Espírito Santo, para exercê-la em nome de Jesus. Entretanto, não basta invocar o nome de Jesus, como os sete

filhos do sumo sacerdote Ceva tentaram fazer; é preciso ter vida em Deus, plena comunhão com ele (At 19.13-16).

b) Na relação intrapessoal (eu comigo mesmo)

⇒ Somos desafiados a sujeitar-nos a nós mesmos: *“Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas;”* (1Co 14.32). O que significa isso? Como se dá isso? De certa forma através do domínio próprio. Podemos dar vazão aos nossos instintos, desejos e emoções, ou mantê-los sob controle nos limites do desejável e conveniente. Tiago nos desafia a refrear a língua (Tg 3.1-12). O apóstolo Paulo repreende aqueles irmãos da igreja de Corinto que se antecipavam para a celebração da Ceia do Senhor e se esbanjavam e se embriagavam, sem limites, sem respeitarem e esperarem os demais, que chegavam depois. Ele falava e repreendia com a autoridade de alguém que tinha a exata noção e vivência do que é sujeitar-se a si mesmo: *“Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.”* (1Co 9.27). Acima de tudo é importante fazer morrer a nossa natureza terrena, o pendor para a carne (Rm 8.13; Cl 3.5-6; Gl 2.20).

c) Na relação interpessoal (eu com os outros)

⇒ Somos desafiados a nos sujeitarmos uns aos outros, no temor de Cristo: *“sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.”* (Ef 5.21). O apóstolo Paulo expõe aqui o ideal, o princípio norteador do relacionamento no contexto da família da fé, da família cristã, que é a submissão mútua e voluntária, de uns para com os outros. O apóstolo Pedro caminha nesta mesma linha e direção recomendando: *“outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos*

soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça.” (1Pe 5.5b). A sintonia entre Paulo e Pedro continua sendo expressa nas Escrituras: *“Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”* (Fp 2.3). É fácil compreender que atitudes assim, onde prevalece o respeito mútuo e o amor cristão, cooperam eficazmente para a união e harmonia do corpo de Cristo. Por outro lado, comportamentos e atitudes de orgulho, de soberba e de exaltação só desagregam, afastam, criam divisões. Vale ressaltar e alertar que, de forma alguma, este princípio relacional da submissão mútua, desfaz ou anula o princípio de autoridade: do patrão sobre os empregados, do líder eclesiástico sobre os seus liderados, do marido sobre a esposa. Como isso funciona, na prática? Se pensarmos no corpo como figura da igreja, o entendimento fica mais fácil. Por exemplo e ilustrando de forma simplificada: na hora de falar, o comando está com a boca; na hora de ouvir, com os ouvidos; na hora de correr, com as pernas; na hora de nadar, com os braços; na hora de escrever, com as mãos; tudo isso sob o comando maior da cabeça (cérebro). No funcionamento da igreja não é diferente: na hora de cantar, o comando está com o regente; na hora da pregação, com o pregador; na hora da aula, com o professor; na hora da manutenção da ordem no culto, com o diácono etc; tudo isso sob o comando “do” ou “da” cabeça da igreja – Cristo.

- ⇒ Somos desafiados a sermos servos uns dos outros, pelo amor: *“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.”* (Gl 5.13). O termo grego “δουλευετε” (douleuete) (derivado de *doulos*) aqui traduzido por “servos” foi amenizado, pois literalmente seria “escravos”. Pode parecer um contrassenso do apóstolo dizer no início do versículo 13 que fomos chamados à liberdade e no final conclamar os

libertos a se tornarem “escravos” ou “servos” uns dos outros. Na verdade, a proposta cristã é de nos tornarmos escravos ou servos em amor; primeiro de Cristo e depois do nosso irmão, do nosso próximo. A verdadeira liberdade proporcionada por Cristo não é para vivermos uma vida egoísta, dedicada ao prazer pessoal, mas para o serviço, em amor; para ganhar almas para Cristo: *“Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível.”* (1Co 9.19). E, para provocar os crentes de Corinto, imersos nas suas disputas, divisões e cobiça pelo poder, ele afirma: *“Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo.”* (1Co 7.22).

- ⇒ Os jovens são ensinados bíblicamente a serem submissos aos mais velhos: *“Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos;”* (1Pe 5.5a). Algumas culturas e países ainda levam isso a sério. Entretanto, de um modo geral, esse é mais um daqueles itens fora de moda nessa época de pós-modernidade. Antigamente os idosos eram mais valorizados por conta do acúmulo de informação, de conhecimento e de sabedoria e a decorrente transmissão oral. Hoje, com a disponibilização e facilidade de acesso à informação e ao conhecimento, houve uma ruptura com esse valor. Entretanto, a experiência de vida e sabedoria de uma pessoa mais velha continua sendo um bem de alto valor.

d) Na relação familiar

- ⇒ Os maridos são ensinados bíblicamente a serem submissos a Cristo. Esta submissão se insere numa cadeia de autoridade que começa com Deus: *“Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o*

cabeça de Cristo." (1Co 11.3; ver tb Ef 5.23). Quando isso não acontece toda a cadeia de autoridade fica prejudicada.

- ⇒ As esposas são ensinadas bíblicamente a serem submissas ao seu marido: *"Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor."* (Cl 3.18; ver tb 1Pe 3.1; Ef 5.22, 24). Isso não é uma invenção machista dos homens. Isso foi estabelecido por Deus que é o detentor de toda a autoridade e poder e o delega a quem quer. Ele estabeleceu isso antes da queda (Gn 2.18), ratificou após a queda (Gn 3.16) e não revogou na Nova Aliança, da Graça, quando o apóstolo Paulo afirma: *"E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem;"* (1Tm 2.12a). Portanto, não se trata de uma visão cultural de época. Naturalmente que a esposa também deve ser submissa a Cristo.

- ⇒ Os filhos devem ser criados sob (debaixo, submissos) disciplina (1Tm 3.4; Tt 1.6). Jesus era submisso aos seus pais terrenos (Lc 2.51). O ensino bíblico estabelece que os filhos devem obedecer e honrar os pais, no Senhor (Cl 3.20; Ef 6.1-3). A lei mosaica era extremamente rigorosa, estabelecendo a pena de morte para os filhos rebeldes (Dt 21.18-21). É no ambiente do lar que os filhos aprendem a obediência e submissão para a vida. Com o advento da Internet e o fácil acesso à informação e conhecimento, a relação pais x filhos foi muito afetada. Filhos podem se sentir muito cedo autossuficientes e independentes da tutela dos pais e inclinados a considerar que não lhes deve submissão e obediência.

e) Na relação social e institucional

- ⇒ Os servos são desafiados a se sujeitarem aos seus senhores: *"Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não*

somente se for bom e cordato, mas também ao perverso;" (1Pe 2.18). O relacionamento senhor x servo pode assumir as mais variadas formas, desde muito amigável até muito truculenta; enquanto o relacionamento servo x senhor pode transitar entre a muita cooperação e a muita complicação. Entretanto é prazeroso observar o relacionamento entre Saul e seu servo, quando da sua escolha para rei de Israel (1Sm 9): a)Eles recebem a mesma missão (v.3); b)Eles caminham juntos, como bons amigos (v.4); c)Saul está no comando, toma uma decisão, mas se dispõe a ouvir a sugestão do seu servo e reconsidera sua decisão (vv.5-6); d)Eles discutem uma dificuldade surgida, com respeito e consideração, e o servo apresenta a solução (vv.7-8); e)Saul elogia o seu servo e adota sua sugestão (v.10); f)O profeta Samuel leva Saul e seu servo para a sala de jantar e lhes dá lugar de honra entre os convidados, sem preconceitos ou divisão de classes (v22). Pode-se dizer que este é um bom exemplo de relacionamento entre patrões e empregados, líderes e liderados, que deve ser seguido. Já na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16) fica evidente a natureza humana de questionar o patrão, mesmo quando ele cumpre o combinado, por discordar do seu critério de justiça.

- ⇒ Todos somos desafiados a nos sujeitarmos a toda instituição humana e as autoridades (1Pe 2.13-14; Rm 13.1-7). O assunto será tratado adiante em tópico específico.

- ⇒ Jesus admirou-se da submissão do centurião, sendo ele uma autoridade (Mt 8.5-13). Na verdade, na sociedade civil e na militar, nas instituições e no mundo corporativo, acontece em larga escala essa situação em que uma pessoa tem autoridade sobre alguns e está debaixo da autoridade de outros. Daí a importância de quem está em posição de autoridade tratar os seus subordinados da forma como gostaria de ser tratado pelos seus superiores. Um exemplo negativo é ilustrado por

Jesus, no caso daquele servo perdoado pelo rei, que não agiu da mesma forma com o seu conservo (Mt 18.23-35).

f) Na relação eclesial

- ⇒ A igreja está sujeita a Cristo (Ef 5.24).
- ⇒ Os cristãos são desafiados a obedecer aos seus guias espirituais na igreja e a ser submissos a eles (Hb 13.17)
- ⇒ A obediência ao evangelho é uma forma de submissão que glorifica a Deus (2Co 9.13).
- ⇒ O crente não deve se submeter aos falsos irmãos (Gl 2.5).
- ⇒ O apóstolo Paulo não admite que a mulher exerça autoridade de homem na igreja, mas que participe com submissão (1Tm 2.12).

Diante de tão robusta demonstração bíblica da importância, abrangência e singularidade da atitude de submissão, quem se atreveria a repudiá-la, rejeitá-la e combatê-la? Indiscutivelmente tão somente um grupo de pessoas – os que seguem o caminho de Lúcifer! (Judas 8-10). Para estes, vale o alerta de Samuel a Saul: *“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar.”* (1Sm 15.23). Vivemos numa época de déficit de submissão e superávit de reivindicações; muito empenho na busca dos seus direitos e pouca atenção no cumprimento dos seus deveres.

2.3 As recomendações bíblicas para os cônjuges.

Para alcançar o objetivo de ter um casamento bem-sucedido, ambos os cônjuges precisam investir no casamento, isto é: dedicar tempo e atenção, empenhar-se, fazer o seu melhor. A submissão também não fica fora disso como será demonstrado a seguir. No Novo

AUTORIDADE e SUBMISSÃO

Testamento há quatro textos escritos e direcionados especificamente para a família, para os membros da família. São preciosas orientações que se levadas a sério, em muito contribuirão para o fortalecimento do casamento e da família. Então, os quatro textos são:

- 1Pedro 3.1-12 (esposas, maridos e ambos).
- Efésios 5.22-33 (esposas e maridos).
- Colossenses 3.18-21 (esposas, maridos, filhos e pais – pacote completo).
- 1Coríntios 7.1-40 (casamento e sexualidade; casamento e divórcio; casamento e serviço cristão; viuvez e novo casamento).

Se essas orientações foram inspiradas por Deus e inseridas na bíblia, certamente o foram porque são relevantes para o sucesso do casamento e para o bem da família! Será que os apóstolos Paulo e Pedro estão alinhados nesses seus ensinamentos específicos para a família? Que aspectos eles destacaram para as esposas e maridos nos três primeiros textos?

Texto	Esposas	Maridos
1Pedro 3.1-7	<ul style="list-style-type: none">- Submissão ao marido.- Adorno exterior sem ostentação. (*)- Foco na beleza interior. (*)	<ul style="list-style-type: none">- Participar da vida do lar, com discernimento.- Ter consideração e tratar a esposa como parte mais frágil.- Tratar a esposa com dignidade.
Efésios 5.22-30	<ul style="list-style-type: none">- Submissão ao marido, como a igreja está sujeita a Cristo.	<ul style="list-style-type: none">- Amar a esposa, como Cristo amou a igreja.- Amar a esposa, como a seu próprio corpo.
Colossenses 3.18-19	<ul style="list-style-type: none">- Submissão ao marido, como convém no Senhor.	<ul style="list-style-type: none">- Amar a esposa.- Não a tratar com amargura.

(*) Nesta mesma linha de Pedro, o apóstolo Paulo instrui a mulher em 1Timóteo 2.9-10 sobre: traje decente, adorno exterior modesto e adorno interior como convém às mulheres piedosas.

Do quadro acima podemos depreender e sintetizar o seguinte:

a) O que se requer da esposa é a submissão ao marido, um trajair decente e sem ostentação e um espírito interior unido a Cristo, manso e tranquilo.

b) O que se requer do marido é que ele ame a esposa, a trate com respeito, consideração e dignidade, e participe da vida do lar.

2.4 A submissão da esposa ao marido.

“Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor.” (1Pe 3.1-2)

Neste capítulo 3, vê-se claramente que o apóstolo Pedro se dirige clara e diretamente às mulheres, na condição de esposas (1Pe 3.1-6); aos homens, na condição de maridos (1Pe 3.7); e a todos os cristãos, o que também inclui os maridos e as esposas (1Pe 3.8-12). Com as esposas ele trata especificamente de três assuntos: submissão, adorno ou enfeite exterior e beleza interior.

O que o apóstolo faz aqui é ensinar ou recomendar às esposas: “sede vós, igualmente” ou seja, “comportem-se do mesmo modo”. A que ele estava se referindo? O apóstolo se reporta ao que havia escrito anteriormente, isto é, ao dever de viverem em submissão a seu marido, assim como devemos ser submissos aos governantes ou aos que exercem autoridade e, assim como os servos devem ser submissos aos seus senhores. É impressionante como esse assunto tem causado tanta discussão e polêmica, principalmente nas últimas décadas dessa pós-modernidade. Parece necessário e oportuno esclarecer o que não é, e o que é, essa submissão, o que irá contribuir para reduzir as tensões. Ao longo de muitos anos, uma visão equivocada do assunto

tem causado muito desgaste e prejuízo em muitas famílias e igrejas e, por extensão a sociedade.

O que não é, e o que é, essa submissão da esposa ao marido?

1º) Esta submissão não é como numa relação entre governados e governantes, ou entre servos e senhores ou entre empregados e patrões, assuntos abordados anteriormente pelo apóstolo. É uma relação que tem seu modo próprio e muito particular de ser, que varia de casal para casal. O que há de comum entre todos esses exemplos de submissão é o respeito de uma parte à posição ou função da outra parte. No caso do casal, a bíblia ensina que o homem é o cabeça do lar.

2º) Esta submissão não é a anulação da personalidade ou da vontade da parte que se submete.

3º) Esta submissão nada tem a ver com o estar debaixo da mesma missão do outro (sob missão), embora marido e esposa tenham a mesma missão de conduzir seu lar, sua família. Talvez isso seja uma tentativa de aliviar tensões e conciliar o texto bíblico com a visão pós-moderna de igualar a autoridade da mulher à do homem, no lar.

4º) Esta submissão nada tem a ver com uma visão cultural de época. Quanto mais essa sociedade pós-moderna se afasta dos princípios, valores e padrões cristãos, mais pressiona os crentes a adotar suas ideologias. Em decorrência, cresce o número daqueles que querem conciliar as coisas defendendo que o Novo Testamento foi escrito no primeiro século, num contexto bem diferente do atual e, portanto, muita coisa não se aplica hoje. Será? Por exemplo, há quem diga que as palavras do apóstolo significavam algo diferente para os leitores gregos, romanos e judeus no primeiro século, no qual os homens governavam seus lares e as mulheres eram vistas como propriedade deles. O próprio apóstolo Paulo põe por terra essa ideia quando fundamenta seus argumentos às narrativas e fatos da criação

e queda (1Tm 2.12-14; comp. Gn 2.18 e 3.16). Assimilar a modernidade é uma coisa; aceitar os novos modelos e arranjos e costumes estabelecidos por uma sociedade pagã é outra. Não é fácil combater a contracultura cristã. Não era fácil para os profetas combater os costumes pagãos e idólatras assimilados pelo povo de Israel. Muitos pagaram com a própria vida. Ainda hoje é preciso ter coragem profética para combater os desvios da doutrina e fé cristãs. Finalmente, é importante ressaltar que não se pretende aqui anular a boa hermenêutica, a qual nos ensina a analisar e interpretar o texto bíblico à luz dos usos e costumes, bem como do cenário histórico de cada época e, na sequência, aplicá-lo no contexto atual.

5º) Submissão nada tem a ver com o juízo de valor de que a mulher é menos capaz e inferior ao homem. Ambos foram criados à imagem de Deus (Gn 1.27) e para dominar sobre o restante da criação (Gn 1.28). Embora diferentes, ambos têm uma capacidade laboral impressionante; entretanto, homens desempenham certas tarefas com mais facilidade do que mulheres, e mulheres desempenham certas tarefas com mais facilidade do que homens.

6º) A submissão não é uma “maldição da queda” a ser combatida assim como procuramos atenuar os efeitos das outras maldições da queda. Alguém argumentou que nós lutamos com as ervas daninhas em nossos quintais e colheitas; fazemos todo o possível para diminuir a dor de parto na mulher; usamos a prevenção, os medicamentos e cirurgias para retardar uma morte antecipada (Gênesis 3:16-19). Por que também não combater a “maldição da submissão”? Essa visão e argumentação é bastante criativa e engenhosa, um sofisma perigoso e completamente equivocado. Primeiramente porque esta submissão já estava estabelecida antes da queda e Deus apenas a reiterou: *“Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.”* (Gn 2.18). Como já comentado anteriormente, o apóstolo Pedro e o

maior sistematizador da doutrina da igreja – o apóstolo Paulo – ratificaram o posicionamento divino original.

7º) A redenção em Cristo não anulou a submissão da esposa ao marido (1Tm 2.9-15). É preciso denunciar e combater líderes populistas e teologias liberais que se utilizam da teologia reversa², para produzir falsas interpretações da bíblia, com o objetivo de conciliar e acomodar a visão secular com a visão bíblica. Um dos textos bíblicos frequentemente usado (fora do contexto) para fundamentar equivocadamente a igualdade de papéis do homem e da mulher, no lar e na igreja, é o de Gálatas 3.28: *“Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”* Usar texto fora do contexto é sempre pretexto para produzir heresia. O ensino do apóstolo é muito claro e tem a explícita intenção de mostrar que a graça salvadora e redentora, mediante a fé em Cristo, reúne todas as pessoas, de todos os povos, de ambos os sexos, de todas as classes sociais, agora feitos filhos de Deus, em um só corpo, o corpo de Cristo, a igreja.

8º) Esta submissão se insere numa cadeia de autoridade que começa com Deus (1Co 11.3; Ef 5.23):

DEUS ⇒ CRISTO ⇒ HOMEM ⇒ MULHER

- a) Essa cadeia somente funcionará satisfatoriamente se todos os elos forem respeitados.
- b) Quando se sujeita ao que vem antes, se legitima o exercício da autoridade sobre os que veem depois. (Ex.: Lc 7.1-10 – centurião)

² Teologia Reversa: aquela que parte do HOJE para a BÍBLIA, isto é, estabelece hoje algumas linhas de pensamento, conceitos, estruturas e doutrinas, muitas vezes copiando e acompanhando a sociedade secular, o mundo, e, então, tentam construir algum respaldo bíblico para isso, normalmente bizarro e fora do contexto.

- c) Quando se sujeita ao que vem antes, recebe-se autoridade como se fosse este.
- d) Quando a esposa está em submissão ao marido, ela tem a autoridade dele, que é a de Cristo e que é a autoridade de Deus.
- e) Quando a cadeia é quebrada em algum ponto, há quebra de autoridade, anarquia, desordem e rebelião.

9º) Esta submissão deve refletir a mesma relação que Deus-Pai tem com o Deus-Filho.

a) O Pai sente prazer em honrar o Filho; o Filho, por sua vez, honra e exalta o Pai. Da mesma forma o marido deve ter prazer em honrar sua esposa.

b) Cristo é o resplendor da glória do Pai (Hb 1.2-3). Da mesma forma a mulher é a glória do homem (1Co 11.7). Quando a esposa é tratada assim, tem grande chance de corresponder, honrando e exaltando o marido.

10º) Esta submissão deve refletir a mesma relação que Jesus tem com sua igreja.

a) O amor de Jesus por sua igreja é sacrificial e não coercivo. Os seus ensinamentos e mandamentos não podem ser vistos como algo penoso ou insuportável, um fardo pesado para se carregar. Se, porém, a submissão da esposa ao seu marido consistir de um elenco de coisas irritantes, que contrariem sua vontade própria, que anule os seus próprios desejos e interesses, resultando em renúncia total e diária, então a relação marido/esposa que analogamente corresponde à relação que Cristo tem e deseja ter com sua Igreja, realmente precisa ser reavaliada.

11º) Esta submissão deve corresponder ao amor que cada um de nós tem pelo seu próprio corpo (Ef 5.28-30). Utilizando o próprio exemplo de Jesus, Paulo conclamou os maridos que queriam seguir a Cristo a cuidar de suas esposas, da mesma maneira que cuidavam e protegiam os seus próprios corpos, diariamente. Considerando que o marido deve tratar a esposa como à sua própria carne, se ele assim cumprir o seu dever, o exercício da submissão fica muito facilitado, afinal: alguém no pleno exercício das suas faculdades mentais faz algum mal à sua própria carne? Sendo grosseiro, mentiroso, desleal, egoísta, desrespeitoso? *“Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;”* (Ef 5.29)

12º) Esta submissão não é uma relação de governante x governado, senhor x escravo, chefe x empregado, do tipo “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Vale lembrar que Jesus revolucionou certos conceitos, resgatando a dignidade e valor de gente que era desprezada. E ele não apenas verbalizou teoricamente, mas nos deu o exemplo. (Jo 13.15). Alguns desses ensinamentos de Jesus aos seus discípulos se aplicam perfeitamente ao relacionamento marido x esposa, tornando o casamento saudável. Por exemplo:

- a) *“Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.”* (Lc 6.31; Mt 7.12). Cada um deve tratar o cônjuge, como gostaria de ser tratado por esse.
- b) *“Mas o maior dentre vós será vosso servo.”* (Mt 23.11). *“Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve.”* (Lc 22.26). No reino de Deus, aqueles que governam são como aqueles que servem. Esse é o tipo de atitude que deve permear o relacionamento entre os cônjuges.

13º) Esta submissão não pode se fundamentar numa interpretação equivocada que muitos maridos fizeram, ao longo de

séculos, da expressão “auxiliadora idônea”(Gn 2.18). Por conta disso trataram suas esposas como um ser humano de segunda linha ou categoria inferior; uma procriadora e empregada doméstica; uma propriedade sua. Anularam seus direitos, ignoraram ou violaram sua vontade, furtaram seus sonhos, impediram sua participação mais ativa na sociedade, restringiram seu acesso à educação, não levaram em conta que eram tão gente e tão humanas quanto eles. Uma rápida análise dos dois termos é sempre proveitosa, como segue:

- a) A palavra “auxiliadora” não autoriza esse rebaixamento imediato de classe ou categoria. Deus, muitas vezes se apresentou ao ser humano como seu ajudador e auxiliar e lhe é superior (Sl 27.9; Hb 13.6; Sl 54.4; Is 59.16). A esposa é alguém que é colocada ao lado do homem, alguém capaz de lhe prestar auxílio, de lhe ajudar.
- b) A palavra “idônea” tem o significado de: “que tem capacidade de, conhecimento ou competência para realizar bem alguma coisa; apta, capaz, competente”. Pois foi exatamente essa a intenção de Deus, de prover ao homem alguém que estivesse no mesmo nível dele.
- c) Quando a esposa age como a mulher virtuosa (Pv 31), o marido é estimado na sociedade (Pv 31.23). Quando o marido a respeita e reconhece seu valor, o seu trabalho, todos saem ganhando (Pv 31.28).

Finalmente, vale citar como exemplo a seguinte situação, muito comum nas igrejas. Um pastor titular exerce o seu pastorado numa igreja por longo tempo e, por fim, é jubilado, por idade. Então, alguém que era seu pastor auxiliar assume a titularidade. Ora, aquele que lhe era subordinado e lhe devia submissão agora está no comando e é o outro quem lhe passa a dever submissão. Normalmente essa inversão de papéis se dá com muita tranquilidade e de forma amistosa. Não se fica questionando o valor e a capacidade deles. Então, por que ficar defendendo a igualdade de gênero e o valor da mulher se o fato simples e objetivo é o decreto divino da “autoridade de homem”?

2.5 Dever de sujeição às autoridades.

“Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores;...” (Rm 13.1a)

“Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra,” (Tt 3.1)

“Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem. (1Pe 2.13-14)

A exortação de Paulo e Pedro nos textos acima é de sujeição às instituições ou autoridades humanas. Ao tratar desse assunto Paulo vai além dos arraiais dos cristãos e insere nesta obrigação de sujeição os não cristãos. Desta forma, “todo” ser humano tem o dever de se sujeitar às autoridades superiores. Duas observações precisam ser feitas aqui:

1^a) O dever ou obrigação dessa submissão é incondicional! A razão disso é explicada na continuação do versículo: *“... porque não há autoridade que não proceda de Deus;”*. Então, se essa submissão é incondicional, não é o caso de se levar em conta a forma, justa ou injusta; ou o desempenho, brilhante ou pífio, com que a autoridade exerce o seu direito. Também não é o caso de se levar em conta se esse direito é legítimo ou não, se foi conquistado democraticamente ou pela força. Submissão é um princípio básico e necessário. Entretanto, sujeição não é um estado de passividade total diante da injustiça. Se o regime de governo for déspota, tirano, que domina e age pela força, resta-nos, primeiramente, recorrer a Deus em oração para que ele mude as circunstâncias. Entretanto, é preciso orar e agir como cidadãos que somos. Se o regime de governo for democrático, nos é facultado o direito de recorrer aos nossos representantes legais ou apelar para as instituições legalmente estabelecidas e com poder de influência na tentativa de melhorar as leis existentes e/ou impedir

projetos que atentem contra a ética, a moral, a justiça, os legítimos direitos dos cidadãos.

Nos textos a seguir, Paulo, Pedro e Judas nos ensinam que é errado falar mal e difamar (caluniar, infamar) as autoridades. Antes, porém, o nosso dever é o de sujeição e obediência. Ainda que se tenha tornado uma prática comum na sociedade secular falar o que se pensa e o que se quer das autoridades, o cidadão cristão precisa ser moderado, criterioso e respeitoso. Uma forma mais apropriada de agir ou reagir é combater o erro e a injustiça; ou seja, em vez de combater pessoas ou autoridades, combater o que dizem ou fazem de errado ou injusto.

“Respondeu Paulo: Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo.” (At 23.5) (Êx 22.28)

“especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores,” (2Pe 2.10)

“Ora, estes, da mesma sorte, quais sonhadores alucinados, não só contaminam a carne, como também rejeitam governo e difamam autoridades superiores.” (Jd 1.8)

Seria fácil eles se expressarem dessa forma se tivessem vivido sob governantes justos e sensatos. Entretanto, foi exatamente o oposto. Eles foram perseguidos, aprisionados e mortos por governantes déspotas e insensíveis. Assim sendo, esse ensino ganha autoridade que perpassa todas as épocas e circunstâncias.

Eles ensinam ainda que devemos orar por eles: *“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito.” (1Tm 2.1-2)*

2ª) O dever ou obrigação dessa submissão não inclui a negação da fé, a renúncia das práticas cristãs ou a prática de algo contra Deus (ex.: Daniel e seus amigos) ou contra a dignidade cristã, quando impostas por autoridades que se oponham a Deus e ao Evangelho do Senhor Jesus. *“Chamando-os, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus. Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.”* (At 4.18-20). *“Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem. Então, Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens.”* (At 5.27-29)

Se a sujeição e obediência a Deus, que é inegociável, colocar as autoridades contra nós e isso nos causar aflições e sofrimentos, lembremo-nos que o Senhor já havia nos prevenido dessa possibilidade. O que as Escrituras nos ensinam a fazer diante dessas autoridades é dar um bom testemunho:

“por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios.” (Mt 10.18)

“Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho.” (Mc 13.9)

“Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e as autoridades, não vos preocupeis quanto ao modo por que respondereis, nem quanto às coisas que tiverdes de falar.” (Lc 12.11)

“Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome;” (Lc 21.12)

2.6 Dever de sujeição aos senhores e patrões.

“Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso;” (1Pe 2.18)

Além da sujeição aos governantes, às instituições humanas e às autoridades superiores é dever do cristão ser submisso a outras autoridades. Está aqui em foco a relação escravo cristão x senhor e, por extensão, a relação empregado cristão x empregador. Nessa questão o apóstolo Pedro não está sozinho, não é solitária. O apóstolo Paulo também dirigiu instruções específicas aos servos em várias das suas epístolas (Ef 6.5-8; Cl 3.22-25; Tt 2.9-10).

É interessante observar nesses textos que Paulo se expressa em termos de obediência e, Pedro, em termos de submissão, como segue:

ENSINO AOS SERVOS	TEXTOS
Obediência aos seus senhores	Ef 6.5-8; Cl 3.22-25; Tt 2.9-10
Submissão aos seus senhores	1Pe 2.18-25
Com temor e tremor	Ef 6.5-8; 1Pe 2.18-25
Não somente se o senhor for bom e cordato, mas também ao perverso	1Pe 2.18-25
Mesmo sofrendo injustiça da parte desses senhores	1Pe 2.18-25
Não servindo à vista (sob vigilância)	Ef 6.5-8; Cl 3.22-25
Servindo de boa vontade	Ef 6.5-8
Fazendo de todo o coração	Ef 6.5-8; Cl 3.22-25
Como para o Senhor, e não para homens	Ef 6.5-8; Cl 3.22-25
Ciente de que a recompensa virá do Senhor	Ef 6.5-8; Cl 3.22-25
Não sejam respondões	Tt 2.9-10
Não furem	Tt 2.9-10
Deem prova de toda a fidelidade	Tt 2.9-10
Dando-lhes motivo de satisfação	Tt 2.9-10
Inclui, na sequência do texto, recomendações aos senhores	Ef 6.9; Cl 4.1

O quadro acima apresenta uma visão comparativa daquilo que Paulo e Pedro ensinaram sobre o assunto. Fica evidente que o propósito de Paulo é de instrução detalhada quanto às atitudes de um servo cristão, enquanto o foco de Pedro é de orientação e fortalecimento para os servos desenvolverem a capacidade de suportar as injustiças e sofrimentos ocasionadas pelos maus senhores.

Há duas palavras gregas para servo: “*doulos*”, que significa “escravo” e “*diakonos*”, que se usava para designar aqueles que realizavam tarefas para ajudar os outros. Cristo deu-nos o mais glorioso e sublime exemplo de humilhação ao assumir “a forma de servo” (*doulos*) (Fp 2.7). Cristo também foi chamado de “diácono” (*diakonos*) pelos muitos serviços prestados, tanto a Deus, quanto aos homens (Lc 22.27). O termo grego mais utilizado para servo é “*doulos*”; entretanto, neste versículo, Pedro usa o termo grego “*oiketai*”, que significa “domésticos”, uma provável referência aos escravos domésticos. O termo grego empregado para trabalhadores remunerados é “*ergaton*” ou “*εργατων*” (Tg 5.4). Pedro não condenou o regime de escravidão, tão comum naquela época, nem incentivou a rebelião dos servos. Pelo contrário, recomendou a submissão, com todo o temor ou respeito, independentemente do comportamento do seu senhor. Sem dúvida o desafio aqui proposto é gigantesco, humanamente falando quase impossível, e que requer a ajuda de Deus. Por isso é que se diz que “vencer o mal com o bem é divino”. Na verdade, escravo não tem vontade própria, sendo a submissão e a obediência seus deveres principais. No que se refere a patrões perversos, sem escrúpulos, que pagam pouco e exigem muito, mal-agraçados apesar de tudo o que os empregados fazem por eles, que somente criticam e nunca elogiam; como conviver com eles? Só com Jesus na causa. Outra opção é nos demitirmos e mudarmos de empregador.

Quando Pedro se expressa “com todo o temor” o termo grego para “temor” é “*phobos*” que indica “medo”. Entretanto, certamente a intenção dele não era de que os servos fossem submissos e obedientes por “medo do castigo”, o que certamente seria sábio e prudente, antes, porém, para mostrar pela conduta e respeito que Jesus transformou suas vidas, valorizando o poder transformador do Evangelho, como diz Paulo: “... a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tt 2.10).

“porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus.” (1Pe 2.19)

Um exemplo que perpassa o tempo e prova que tal recomendação é viável e factível pode ser visto no patriarca José. Escravo no Egito, não se rebelou, nem se desesperou contra toda injustiça e sofrimento a que foi submetido, tornando-se mais do que vencedor, por sua fé no Deus Altíssimo e pelo seu comportamento exemplar.

Jesus havia prevenido os seus discípulos de que no mundo teriam aflições (Jo 16.33). Quando estas ocorressem apesar da boa conduta ou motivadas por postura diferente, fruto de uma consciência cristã, fiel a Deus, esse sofrimento seria e é agradável a Deus. Cientes e conscientes dessa verdade o bom servo terá sua força renovada para suportar tal situação, enquanto aguarda a intervenção divina, no tempo que lhe aprouver.

3. CONCLUSÃO

Nesta conclusão, é importante lembrar e destacar alguns aspectos acima abordados:

Deus é a maior autoridade e poder. Quem está no exercício de autoridade o faz por delegação divina: *“Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força.”* (1Cr 29.11-12)

Lúcifer foi o primeiro a se rebelar contra a autoridade divina. Não é somente o pai da mentira como o pai da rebelião e insubmissão. Aqueles que andam nesse caminho são seus filhos.

O exercício da autoridade requer sempre todo o cuidado e responsabilidade, pois pode promover a paz ou a guerra. A concentração de poder em uma só pessoa é sempre um risco para as demais.

A submissão alcança a todos os seres humanos e deve ser encarada com total normalidade e praticada com total tranquilidade.

4. BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia Sagrada (SBB – Versão Revista e Atualizada).
2. Bíblia Online – SBB.
3. Champlin, Russell Norman, Ph.D. – O Novo Testamento Interpretado, versículo por versículo – Melenium.
4. Moulton, Harold K. – The Analytical Greek Lexicon Revised (1978).
5. Prince, Derek – Paternidade (1978).
6. Hunter, James C. – O monge e o executivo (2004).
7. Michaelis On-line (Dicionário de língua portuguesa).
8. Wikipédia (Internet).

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.” (Fp 2.5-8)



**Primeira Edição
JUL/2019**